Dia 19 — São Gabino, Presbítero e Mártir

O Martirológio Romano anuncia neste dia o glorioso nascimento ao céu de São Gabino, presbítero e mártir, irmão do papa São Caio. Depois de ter estado longo tempo no cárcere e com duras prisões, este generoso confessor de Cristo, por ordem do imperador Diocleciano, adquiriu os gozos do paraíso por meio de uma morte muito preciosa.

Foi São Gabino originário da Dalmácia, parente do imperador Diocleciano, irmão do papa São Caio e pai de Santa Susana, aquela que foi imortal honra das virgens romanas, que preferiu a ventura de ser esposa de Jesus Cristo à glória de ser imperatriz e derramou seu sangue e deu sua vida pela fé. Não se sabe com que ocasião vieram viver em Roma São Gabino e São Caio. Pode ser que a fortuna de Diocleciano, que havia ascendido por todos os graus da milícia até os supremos empregos do exército, trouxesse sua parentela à capital do universo, corte ordinária dos imperadores; mas é mais provável que os dois heróis cristãos passassem a Roma puramente por motivo de religião, para viver numa cidade que era o centro da fé e onde triunfava a Igreja em meio das mais cruéis perseguições, pela santidade dos costumes e pela vida exemplar e fervorosa de todos os fiéis.

Tem-se por certo que São Gabino nasceu de pais cristãos por volta da metade do terceiro século. A bela educação que havia recebido, a inocência de sua vida, a terna devoção que parecia ter mamado com o leite, suas piedosas inclinações desde sua mais tenra infância: tudo isto prova bastantemente a religião dos que o haviam educado. Não se descuidaram de ensinar-lhe com tempo as belas letras; e, como tinha um excelente engenho, nascido para as ciências, em pouco tempo adiantou muito no estudo e na inteligência da Escritura e dos livros sagrados.

Era casado Gabino e não tinha mais que uma filha chamada Susana, a cuja criação se aplicara com o mais vigilante desvelo, imbuindo-a desde o berço no temor santo de Deus e inspirando-lhe um grande amor à virgindade e um sumo horror a tudo o que podia manchar a alma. Era Susana de uma vivacidade de espírito extraordinária; já aos seis anos de sua idade mostrara um desembaraço, uma penetração, um brilho tão superior que todos a admiravam por isto ainda mais que por sua singularíssima beleza, que a fez celebrar mais tarde como uma das maiores formosuras de toda a Itália. Faltou-lhe sua mãe sendo ainda muito menina, e São Gabino dedicou-se inteiramente a cultivar aquele nobilíssimo terreno que mostrava as mais belas disposições para a virtude e para ser algum dia, como o foi, uma ilustríssima mártir.

Apenas se viu nosso santo desembaraçado dos laços do matrimônio pela morte de sua virtuosa mulher, aplicou-se inteiramente a estudar a ciência da Religião, num tempo em que o paganismo estava mais encarniçado em perseguir com furor os cristãos. Livre dos empenhos do século, quis

ser admitido no clero e em pouco tempo foi um de seus mais brilhantes ornamentos. Correspondendo sua profunda erudição e sua grande sabedoria à sua eminente virtude, não é fácil explicar o imenso bem que fez em Roma este grande servo de Deus. Elevado à dignidade do sacerdócio, apesar da oposição de sua profunda humildade, correu as casas, as cabanas, os lugares subterrâneos e até as cavernas e grutas dos montes, bosques e penhascos onde estavam refugiados os tímidos cristãos, para animá-los, instruí-los, administrar-lhes os sacramentos e assisti-los em tudo. Nunca se viu zelo mais generoso, mais infatigável, mais industrioso nem mais eficaz. Via-se com admiração este santo presbítero passar as noites inteiras nas lúgubres concavidades das rochas para celebrar o santo sacrifício da missa e para alimentar com o divino pão dos fortes os que estavam na véspera de ser sacrificados como hóstias inocentes ao Deus vivo pelo martírio.

Não se continha o zelo de São Gabino precisamente dentro dos limites destas grandes obras de caridade: como era sábio, compôs um excelente tratado contra os idólatras, no qual, expondo as ímpias e monstruosas superstições dos pagãos, fazia visíveis, mesmo aos entendimentos mais limitados e aos olhos menos perspicazes, o horror, a extravagância e a loucura de seus dogmas; demonstrando ao mesmo tempo, com tanta precisão, com tanta limpeza e com um modo tão plausível, a verdade palpável e a santidade da religião cristã, que não se pode duvidar de que com esta obra não fizesse grande número de conversões e não confirmasse na fé muitos a quem tinha acovardados o medo dos tormentos.

Tendo sucedido São Caio no pontificado ao papa Eutiquiano no ano de 282, viu nosso Gabino abrir-se um novo dilatado campo a seu infatigável zelo. Pode-se de certa maneira dizer que nosso santo carregou com parte da solicitude pastoral do santo pontífice Caio e que Caio encontrou no santo sacerdote um companheiro fiel com quem repartiu todos os seus trabalhos, sem exceptuar suas mesmas cadeias.

Mas, enquanto Gabino trabalhava com tanto fruto na vinha do Senhor, nem por isso esquecia o cuidado de sua querida filha. Ao mesmo tempo que cultivava seu entendimento com as luzes mais sublimes de nossos mais elevados mistérios, ia lavrando seu coração com o exercício das mais heroicas virtudes. Sobretudo imprimiu nela um conceito, uma ideia tão superior da virgindade que, desprezando generosamente os mais lisonjeiros e tentadores atrativos do mundo que podia prometer-se por seu claro entendimento, por seu elevado berço, por sua formosura incomparável e por seu extraordinário mérito, fez voto de não admitir outro esposo que Jesus Cristo; prevendo bem que sua fé e este amor à virgindade poriam algum dia em suas mãos a gloriosa palma do martírio.

Não ignorava o imperador Diocleciano que Caio e Gabino, seus parentes, eram cristãos; nem duvidava tampouco de que Susana, mais distinguida por seu raro mérito que por sua singular beleza, professasse também a mesma religião que professava seu pai; mas, como este príncipe, nos primeiros anos de seu reinado, se mostrou muito favorável aos cristãos, deixou-os viver em paz, e sua própria família estava cheia deles. Susana, na escola de seu pai Gabino, fazia maravilhosos progressos na ciência dos santos; era a admiração dos bons e o exemplar de perfeição que de ordinário se propunha às donzelas cristãs. Não podia deixar de ter glorioso fim uma virtude tão singular; e parecia devida a coroa do martírio a sua virginal pureza, sendo esta de certo modo como a rica herança de sua casa.

Tendo criado césar a Maximiano Galério o imperador Diocleciano, também o havia feito genro seu, dando-lhe por mulher sua única filha, a princesa Valéria. Morta esta, o imperador, que não queria que a púrpura saísse de sua família e que estava bem informado das eminentes prendas de Susana, resolveu dá-la por esposa ao novo césar e ordenou a um cavaleiro parente seu, chamado Cláudio, que buscasse Gabino e que em seu nome propusesse esta boda. Gabino, que conhecia bem a virtude de sua filha e não duvidava de que antes perderia a vida que a virgindade que tinha consagrada a Deus, previu desde logo que o empenho do imperador e a constância de Susana conseguiriam a ambos a coroa do martírio. Recebeu o cavaleiro com a maior urbanidade; e, depois de manifestar-lhe quão agradecido ficava à honra que o imperador queria dispensar-lhe, pediu por favor que lhe concedesse algum tempo para propô-la a sua filha e para dar parte a seu irmão Caio.

Chamou depois separadamente Susana e, com voz doce, com semblante sereno e tranquilo, disse-lhe: Conheces bem, filha minha, a grande ventura que gozas em ter por esposo a Jesus Cristo? Fazes-te cargo do que vale teu estado? Compreendes perfeitamente seu mérito e seu valor? — Conheço-o tão bem — respondeu Susana — que em sua comparação me parecem menos que nada todas as coroas do mundo; não faço mais caso delas que de um pouco de fumo, o qual só se eleva para dissipar-se, só sobe para desvanecer-se. — Isso é, filha minha, estimar as coisas em seu justo preço, discorrer e falar como se deve. Mas suponhamos que o imperador quisesse fazer-te sua nora: parece-te que a augusta dignidade de imperatriz não te daria nos olhos e não te tentaria no coração, sobretudo se te dessem a escolher ou a coroa imperial ou a coroa do martírio?

— Ai, pai e senhor — exclamou a santa —, e quão ditosa seria eu se me visse nesse transe! Que depressa tomaria meu partido! Não, não seria capaz de deslumbrar-me o resplendor da púrpura imperial; esposa sou de Jesus Cristo, e esposa sua morrerei. Nenhuma coisa do mundo é bastante para fazer-me titubear na fé, nem para que padeça o menor vaivém minha fidelidade. Toda a minha confiança a tenho colocada naquele Salvador onipotente, que é o único dono de meu coração. Não, não me espantam os tormentos; e, se não, à prova me remeto.

Não pôde conter as lágrimas o virtuosíssimo pai, enternecido com a cristã magnanimidade de sua querida filha. — Eia, pois, Susana — disse-lhe —, vejo que logo te acharás nesta prova. O imperador quer casar-te com o césar Maximiano, e Cláudio, teu parente, virá fazer-te a proposição da parte dele. Apenas haviam acabado esta conversação, bateu Cláudio à porta; depois dos primeiros cumprimentos, declarou a vontade e a ordem que trazia do imperador, dilatando-se muito em ponderar o esplendor e as vantajosas conveniências de tão ilustre aliança. Ouviu Susana a proposição com o mais profundo respeito; mas, quando chegou o caso de falar, revestindo-se de um ar resoluto e determinado, mas ao mesmo tempo modestíssimo e atento: — Admirada estou — respondeu a Cláudio — de que, se o imperador sabe, como não o pode ignorar, que sou cristã, pense casar-me com um príncipe pagão, e príncipe que sobradamente se tem declarado já inimigo mortal dos que professam minha religião; mas, se acaso o ignora, eu vos suplico que lho digais de minha parte. Acrescentai-lhe que estou muito agradecida à honra que me faz sua majestade imperial; mas ao mesmo tempo assegurai-lhe que nenhum homem mortal me terá jamais por esposa sua.

Não disse mais por então e, despedindo-se cortesmente daquele cavaleiro, foi direita a buscar seu tio, o papa Caio, e referiu-lhe tudo o que havia passado, ratificando-se na resolução de conservar

sua virgindade, ainda que fosse à custa de seu sangue e de sua vida. Confirmou-a o santo pontífice em sua generosa resolução, animando-a ao martírio. As circunstâncias de sua gloriosa vitória podem ver-se na vida deste santo no dia 22 de abril, e na da santa no dia 11 de agosto. Por ora nos contentaremos com dizer que, tendo Gabino bem previstas todas as consequências da generosa resistência de sua filha à boda com Maximiano, não perdeu um instante em confirmar a magnanimidade daquela cristã heroína. Empregou todos os motivos de amor que podia inspirar sua ternura e todas as razões de persuasão e de eficácia que lhe soube sugerir sua eloquência para sustentar aquela grande alma nas fortes provas que a estavam esperando. Na verdade, poucas vezes campeou mais a força da divina graça que na série deste combate. Fortalecida Susana com a virtude do Altíssimo, triunfou de todo o inferno; e Gabino teve o consolo de ver triunfar a fé de Jesus Cristo em sua própria família.

Converteram-se à fé Cláudio, sua mulher Prepedigna, com dois filhos, acompanhando-os na mesma ventura seu irmão Máximo, um dos cavaleiros jovens mais distintos na corte; os quais todos, tendo sido instruídos por Gabino, receberam o batismo da mão do santo papa Caio; gloriosas conquistas que o encheram de gozo, e mais quando teve o doce consolo de vê-los todos coroados do martírio.

Nosso santo foi testemunha do combate e da vitória de sua querida filha, que sofreu os mais cruéis tormentos com tão heroica constância que admirou até os próprios pagãos; não duvidando São Gabino de que sua poderosa intercessão lhe alcançaria do céu a suspirada graça de derramar ele também seu sangue por Jesus Cristo.

Muito tempo havia que ansiava por este insigne favor, como recompensa de seus trabalhos, de sua eminente virtude e de seu zelo. Com efeito, apenas triunfou Susana dos tormentos, coroando sua virgindade com o generoso sacrifício de sua vida, foi preso São Gabino. Encerraram-no num escuro e espantoso calabouço, que foi para ele lugar aprazível de delícias. Resolvido o tirano a vencer a constância de sua fé, ou pelo tédio ou pelas incomodidades da prisão, ou deixando-o morrer nela de fome e de miséria, fizeram-lhe padecer quantos tormentos pode inventar a mais cruel barbárie. A fedentina intolerável do calabouço, a eterna escuridão em que estava sepultado, a fome, a sede e todas as incomodidades da estação puseram sua firmeza nas mais terríveis provas. Sofreu o santo todos estes suplícios, não só com uma constância inalterável, mas com tanta alegria como se passasse a vida mais divertida e mais regalada do mundo. É verdade que aquele Senhor que cuida com tanta especialidade dos que fielmente o servem temperou bem as amarguras de sua prisão com a abundância dos interiores consolos com que dia e noite inundava aquela bendita alma. Seis meses passou São Gabino nestes tormentos depois da preciosa morte de sua filha Santa Susana, até que, querendo o Senhor coroar sua paciência premiando seus trabalhos, permitiu que lhe cortassem a cabeça. Terminou nosso santo a carreira de sua vida por um glorioso martírio no dia 19 de fevereiro do ano de 296, dois meses antes que logrou a mesma sorte seu irmão, o santo pontífice Caio. Foi enterrado pelos cristãos o corpo de São Gabino no cemitério chamado de São Sebastião.

No ano de 1608, Carlos de Neufville, marquês de Alincourt, senhor de Villeroy, governador da cidade de Lyon e do Lyonnais e embaixador em Roma, estando para voltar à França, desejou trazer um corpo santo com que enriquecer sua pátria. Madame Jacqueline de Harlay, sua esposa, pediu-o ao papa Paulo V, que lhe deu o corpo de São Gabino, e esta senhora o apresentou à igreja da

santíssima Trindade do colégio da Companhia de Jesus da dita cidade de Lyon, onde se guarda com muita veneração numa rica urna de prata, conservando-se no arquivo do referido colégio as letras autênticas originais desta preciosa relíquia.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa de São Gabino, presbítero e mártir, irmão do papa São Caio. Depois de ter sofrido longo tempo acorrentado no cárcere por ordem de Diocleciano, soube conquistar com sua preciosa morte os gozos eternos do céu.

Na África, os santos mártires Públio, Juliano, Marcelo e outros.

Na Palestina, a memória dos santos monges e outros muitos mártires, a quem deram cruelíssima morte os sarracenos pela fé de Jesus Cristo, no tempo do chefe Alamundaro.

Em Jerusalém, São Zambdas, bispo.

Em Soli, Santo Auxíbio, bispo.

Em Benevento, São Barbato, bispo, varão de uma santidade admirável, que converteu à fé de Jesus Cristo os lombardos e seu chefe.

Em Milão, São Mansueto, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa em honra do santo é do comum dos mártires não pontífices, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus: ut qui beati Gabini martyris tui natalitia colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos fortaleçais no amor de vosso santo nome pela intercessão de vosso bem-aventurado mártir Gabino, cujo ditoso nascimento ao céu celebramos neste dia: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da Sabedoria e é a mesma do dia 14.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** [10] Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. [11] In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. [12] Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. [13] Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, [14] et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: [10] Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. [11] No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. [12] Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. [13] Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, [14] e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

«O Espírito Santo, principal autor deste livro, diz que a sabedoria preservou de muitos males e cumulou de muitos bens os que a cultivaram. Por nome de sabedoria entende muitas vezes o autor o Espírito Santo, porque a sabedoria é um de seus principais dons. Fala neste capítulo de Jacó, que, para evitar a cólera de Esaú, retirou-se só e sem guia à Mesopotâmia, aonde chegou ditosamente conduzido pela sabedoria e protegido pelo Senhor; o que aplica a Igreja aos santos mártires, a quem defende e protege Deus de modo muito especial.»

Reflexões

Et mendaces ostendit, qui maculaverunt illum: Descobriu o embuste dos que mancharam sua reputação. Este inimigo maligno, que com suas calúnias e com seus artifícios procura denegrir o crédito dos bons, falando propriamente, não é outro que esse que se chama mundo; mas a verdadeira sabedoria põe de manifesto seus artificiosos enredos, torna visível a iniquidade de suas

leis e de suas máximas e também torna palpável o pouco espírito e a baixeza de coração dos que voluntariamente se sujeitam a seu jugo.

Verdadeiramente causa admiração que, falando-se tanto do mundo, tendo-se tantos respeitos e tantas atenções pelo mundo, não se pensando em outra coisa que em agradar ao mundo, temendo-se tanto como se teme desagradar ao mundo, não se tenham dedicado os homens a desentranhar que coisa é esse mundo; para ver se acaso se discorre neste ponto sobre verdadeiras ou sobre falsas apreensões; para examinar se nossos temores estão bem ou mal fundados; para descobrir se talvez esse ídolo não é mais que um vão fantasma; e finalmente para averiguar se isso que se chama mundo é uma coisa que mereça temer-se tanto e que em seu obséquio se devam sacrificar os bens, a quietude, a honra e até a alma mesma; uma coisa, enfim, que seja credora de tantos melindres e até de contemporizar eternamente com ela.

Coisa estranha! Nenhuma verdade da Religião se propõe, nenhuma máxima do Evangelho se apresenta que, para admiti-la ou para rejeitá-la, não se consulte primeiro o espírito do mundo; apela-se a seu tribunal, e tudo quanto Jesus Cristo nos ensina há de passar por este juizado. Grite ou não grite a consciência, mande ou não mande, ameace ou não ameace o mesmo Deus, tudo está suspenso até que o oráculo dos mundanos pronuncie a sentença definitiva; tudo se regula por suas interpretações; tudo cede a seus costumes e a suas leis; tudo se há de ajustar a suas máximas. O mundo aprova, o mundo condena, o mundo não permite, isto não é segundo o gosto do mundo. Meu Deus, que linguagem é esta em meio do cristianismo! E que má vergonha é que os cristãos se sirvam desta linguagem!

O mundo quer ou não quer: e quem é esse mundo cujo império está tão estendido, cujo poder é tão universal e cujas decisões se hão de ter por oráculos? Quem é esse mundo a quem se ama com tanta loucura, a quem se teme com tanto excesso, a quem se serve com tanto cuidado, a quem se trata com tão escrupuloso, com tão ridículo melindre? É pontualmente aquele mundo de quem todos estão queixosos, que a ninguém faz justiça, que não atende ao mérito, que tem cheio de descontentes e de desgraçados o universo, ao qual ninguém pode servir sem ser escravo seu; é aquele mundo cujas extravagantes máximas são outras tantas leis, muitas vezes contrárias à boa razão e sempre opostas às máximas do Evangelho; é aquele mundo, enfim, juiz do mérito, árbitro do pundonor, autor das modas, tirano das famílias, ídolo universal a quem tributam incenso tantas gentes.

Mas, se este mundo moral é um fantasma sem mais subsistência que a que finge a imaginação, não somos insensatos quando das fantasias alheias nos fazemos um amo tão incômodo e de nossas próprias ideias um ídolo tão formidável? Se esse mundo é uma coisa real, que direito tem para impor-nos tão duras leis? Quem lhe deu essa autoridade? Por que fatal destino nascemos seus escravos?

Certamente, quando se discorre sem paixão e sem prevenção, quando se olha de perto o que vem a ser esse mundo, indigna-se alguém contra si mesmo por ter deferido tanto a seus caprichos, vendo-se feito a zombaria de seus caprichos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus e é o mesmo do dia 14.

Mateus 10,34-42

> **Latim:** 34 Nolite arbitrari quia pacem venerim mittere in terram : non veni pacem mittere, sed gladium : 35 veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam, et nurum adversus socrum suam : 36 et inimici hominis, domestici ejus. 37 Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus : et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus. 38 Et qui non accipit crucem suam, et sequitur me, non est me dignus. 39 Qui invenit animam suam, perdet illam : et qui perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 40 Qui recipit vos, me recipit : et qui me recipit, recipit eum qui me misit. 41 Qui recipit prophetam in nomine prophetæ, mercedem prophetæ accipiet : et qui recipit justum in nomine justi, mercedem justi accipiet. 42 Et quicumque potum dederit uni ex minimis istis calicem aquæ frigidæ tantum in nomine discipuli : amen dico vobis, non perdet mercedem suam.

Português: 34 Não julgueis que vim trazer paz á terra : não vim trazer-lhe paz mas espada : 35 porque vim a separar ao homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra: 36 e os inimigos do homem serão os seus mesmos domesticos. 37 O que ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não he digno de mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não he digno de mim. 38 E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não he digno de mim. 39 O que acha a sua alma, perdel-la-ha: e o que perder a sua alma por mim, achalla-ha. 40 O que a vós vos recebe, a mim me recebe: e o que a mim me recebe, recebe aquelle que me enviou. 41 O que recebe hum profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta: e o que recebe hum justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo. 42 E todo o que der a beber a hum d’aquelles pequeninos hum copo d’água fria só pela razão de ser meu discípulo: na verdade vos digo, que não perderá a sua recompensa.

Meditação

Do menosprezo que devemos fazer do mundo

Primeiro ponto

Considera que, mesmo em meio dos cristãos, há um mundo inimigo do cristianismo, e ao qual desconhece Jesus Cristo. Este é aquele mundo que aborrece o Filho de Deus, segundo se queixa disso o mesmo Filho de Deus. Aquele mundo composto de réprobos, inimigo do Salvador e que não tem parte em suas orações; aquele mundo, enfim, contra quem todos os santos se declararam e que perseguiu todos os santos.

É constante que ser desse mundo e ser do número dos réprobos, amar esse mundo e declarar-se inimigo de Jesus Cristo é uma mesma coisa. Na verdade, nem todos os que são desse mundo são lascivos, nem voluptuosos, nem murmuradores, nem dissolutos, nem ímpios; mas é certo que todos os que mais se entregam a estes vícios são muito bem recebidos no tal mundo, são louvados, são aplaudidos nele; e que o impedimento mais exclusivo da seita dos mundanos é ser devoto.

O demônio, que, falando propriamente, é o príncipe desse mundo, tem grande cuidado de amontoar nele tudo aquilo que é a propósito para inspirar o vício: as riquezas, a imodéstia dos trajes, a magnificência das galas, a bizarria das modas, o refinamento da profanidade, as conversações livres, o afago da música, o desafogo dos bailes, a licença do teatro; numa palavra, tudo o que pode irritar as paixões e introduzi-las pelos sentidos. É outra coisa isso que se chama o grande mundo, o belo mundo?

Até o ar, até os modos, até o artifício no falar, até a mesma polícia do mundo não carece de peçonha hoje; nele tudo são escolhos, tudo tentação. E que lugar se dá à religião no mundo? Mantém-se nele a lei cristã em todo o seu vigor? Pode o espírito do mundo porventura tolerar a outro espírito? Reina nele Jesus Cristo, dá-se ao menos ouvido a suas máximas nesse chamado belo mundo? E com tudo isso esse mundo floresce. Quantos fazem grande vaidade de pertencer a esse belo mundo, que se envergonhariam de que os tivessem por devotos!

Se as pessoas deste caráter perderam a fé, bastante infelizes são em ser infiéis. Confundidos dentro de muito pouco tempo nos infernos entre tantos desditados apóstatas, que raiva, que furor, que desesperação será a sua! Mas, se ainda creem as verdades terríveis de nossa religião, que sinal mais seguro de sua reprovação eterna que a horrível contradição que se encontra entre seus costumes e sua fé? Tem-se por certo que é necessário morrer; crê-se indubitavelmente que é preciso comparecer algum dia ante o tribunal de Deus; e todavia vive-se segundo o espírito, segundo as perversas máximas do mundo!

Eis aqui verdadeiramente um grande motivo de admiração e de pasmo; mas eis aqui também, Senhor, um motivo para mim do maior pesar, do mais amargo arrependimento. Eu, meu Deus, abandonei-vos, sendo vós o melhor e o mais amável de todos os amos, para fazer-me voluntariamente escravo do mais implacável, do mais cruel de todos os tiranos. Seja, Senhor, esta a ditosa hora em que com vossa graça faça em pedaços minhas cadeias.

Segundo ponto

Considera que grande desdita é viver segundo o espírito e segundo as máximas do mundo. Onde há sujeição mais servil, onde escravidão mais oprimida que a dos mundanos? É preciso aguentar uns, dissimular a outros e depender do capricho de todos. Está o mundo cheio de queixosos e de descontentes. Cada dia amanhecem novos enfados e novos pesares; brotam as cruzes ao doloroso rego de lágrimas amargas; e, depois de tanto contratempo e de tanto desgosto, depois de uma vida toda cheia de fel e de amargura, que é o que se segue? Uma eternidade de suplícios, num inferno eterno; este é o triste destino dos mundanos, esta é a fortuna das que se chamam gentes do grande mundo.

Meu Deus, e será possível que homens por outra parte de razão, sujeitos de capacidade, de penetração, de honra, de espírito, deem, tropecem, caiam num desenfreio tão grosseiro que, tendo nascido livres e tendo sido feitos pelo batismo filhos de Deus, se façam voluntariamente escravos, fabriquem uma deidade de um vão fantasma, sigam servilmente suas leis e suas máximas, seguros de ser por toda recompensa eternamente infelizes e condenados?

Ah, quão discretos, quão prudentes foram aqueles heróis cristãos, aqueles ilustres inimigos do mundo, que lhe voltaram as costas e deixaram com ele grandes bens, grandes honras, grandes esperanças e nunca o olharam senão com um altíssimo desprezo! Quão cordatas são essas pessoas tão respeitáveis por sua virtude em tratá-lo com tanto menosprezo e em ter tanto horror a suas vãs, a suas perniciosas máximas! Mas esses homens vãos e quase sem religião, esses jovens encaprichados em suas loucas fantasias, essas mulheres do mundo, são cordatos, são prudentes em não ter outro Evangelho que sua mundanidade, nem outra religião que o mundo mesmo? É acaso necessário fazer tanto ruído para fazer saber a todo o universo que se condenam? Mas que furor, que loucura fazer vaidade, fazer ponto de honra de ser do número dos réprobos! Será porventura invejável a condição de semelhantes pessoas?

É preciso resolver-se a uma de duas: ou a renunciar as máximas e o espírito do mundo, ou a renunciar as máximas do Evangelho e o espírito de Jesus Cristo. Não há meio-termo entre estes dois extremos. Em vão se pretende conciliar estes dois senhores; necessariamente se renuncia a um quando se segue o outro. Gosta-se do mundo, ama-se o mundo, seguem-se as máximas do mundo; pois, por mais que alguém se chame cristão quanto quiser, que frequente os sacramentos, que assista aos divinos mistérios, seguindo o mundo não pode ser discípulo de Cristo.

Meu Deus! E não é este meu retrato? Por minha libré se pode conhecer bem a que amo estou servindo. Ah, Senhor, meu pesar e meu arrependimento me repreendem muito sensivelmente minha impiedade e minha loucura! Depois de ter renunciado tão solenemente no batismo as máximas do mundo, tenho amado este mundo, tenho-o servido, tenho-me entregado a ele até a hora presente; reconheço minha culpa e a detesto; dignai-vos, Senhor, receber-me em vosso serviço; que eu prometo, mediante vossa divina graça, ser-vos mais fiel e viver unicamente para amar-vos e para servir-vos.

Jaculatórias

> *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas. Quid habet amplius homo de universo labore suo, quo laborat sub sole?* Ecl 1.

Tudo o que não é servir-vos, meu Deus, é vaidade de vaidades, e tudo vaidade. Que outra coisa tira o homem de quanto trabalha, de quanto se afana no serviço do mundo?

> *Deum time, et mandata ejus serva: hoc est enim omnis homo.* Ecl 12.

Teme a Deus e guarda seus mandamentos, que isto só é ser verdadeiramente homem.

Propósitos

1. Posto que o mundo é inimigo de Cristo, declara-te tu por inimigo do mundo; detesta seus costumes, olha com horror suas máximas, sufoca em ti seu espírito; não te contentes com gritar contra a injustiça, contra a má-fé, contra a corrupção do mundo, porque a isto se reduzem de ordinário todas as reflexões que se fazem sobre a malignidade do mundo. Dá neste dia a teu Senhor, a teu único dono, dá-lhe, torno a dizer, algo mais que uns sentimentos de indignação contra o mundo, algo mais que palavras. Não sejas já dessa confraria, dessa seita de gente que Cristo reprovou. Não sejas já nem de suas diversões nem de suas perigosas concorrências. Desde hoje em diante regule a modéstia cristã assim o gasto de tua casa como o porte de tua pessoa; a modéstia não confunde as condições, antes as ordena. Guarda-te bem de fazer-te escravo das modas. Ao Evangelho de Cristo toca reformar as modas mundanas, não ao ridículo capricho das modas derrogar as leis nem o Evangelho de Jesus Cristo.

2. Tens a ventura de estar fora do mundo? Pois olha que não aproves jamais, por uma indigna complacência, por uma pusilânime covardia, nem os usos nem as máximas pouco cristãs. Estás metido dentro do mundo pela condição de teu estado? Pois não te contentes com aborrecer: foge também do comércio dos que o amam, porque sua comunicação é contagiosa. Como tudo o que o mundo apresenta à vista é tão brilhante, são poucos os olhos fortes que têm vigor para não se deixar deslumbrar de seus resplendores quando o trato, quando as conversações são frequentes. Se os santos, que só tratam com o mundo para santificá-lo, correm grande risco de perverter-se eles mesmos, não obstante seus preservativos, como se podem ter por seguros os que o tratam por gosto, por diversão, por desafogo, não mais que por tratá-lo, estando tão distantes da virtude dos santos? Ainda aqueles que nunca veem o mundo senão na igreja e no sagrado tribunal da penitência têm justo motivo de temê-lo; que será dos que de propósito vão buscar o mundo dentro do mesmo mundo, aos teatros da profanidade, onde desdobra tudo o que o demônio inventou para enganar os sentidos e para envenenar o coração? Julga tu mesmo se isto será possível. Foge, foge desses escolhos e, se a obrigação ou a atenta correspondência te obrigam a expor-te a eles, seja sempre prevenindo-te com uma visita ao Santíssimo Sacramento ou com alguma breve oração; e faze o mesmo logo que voltes a casa.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:07 by Admin